

ENTREVISTA

O ENSINO DE MATEMÁTICA E OS COTIDIANOS ESCOLARES

JOSÉ VINÍCIUS DO NASCIMENTO SILVAⁱ

Esta edição da Revista Eventos Pedagógicos apresenta o Dossiê Temático “*O Ensino de Matemática e os Cotidianos Escolares*”, que tem como objetivo reunir pesquisas em que o ensino de Matemática se constitui como tema e objeto central de estudo, pensado e analisado a partir dos contextos e das dinâmicas dos cotidianos escolares, reconhecendo a escola como espaço de produção de saberes, de tensões, de desafios e de possibilidades pedagógicas.

Para a seção Entrevista, convidamos o professor José Vinícius do Nascimento Silva, cuja trajetória profissional e acadêmica dialoga diretamente com a temática do dossiê. Professor da Educação Básica no município de Malta–PB, é mestre em Matemática pelo Programa de Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional (PROFMAT/UEPB) e integra a Coordenação Acadêmica Nacional do PROFMAT. Desenvolve, há vários anos, um trabalho voluntário de preparação de estudantes da escola pública para olimpíadas de Matemática, com foco especial na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), uma atuação marcada por forte compromisso com a realidade local e por resultados reconhecidos no cenário das olimpíadas científicas brasileiras.

Sua atuação docente, articulada à formação continuada, à participação em eventos acadêmicos e a experiências de formação internacional, contribui para ampliar reflexões sobre o ensino de Matemática a partir da realidade vivida nas escolas públicas. Nesta entrevista, o professor José Vinícius compartilha sua trajetória como professor da Educação Básica, trazendo uma narrativa que inspira, motiva e evidencia como práticas pedagógicas comprometidas, mesmo em contextos desafiadores, podem transformar percursos formativos. Ao longo da conversa, apresenta uma visão prática e sensível sobre os desafios e as possibilidades do ensino de Matemática, a formação docente e o papel social dessa área do conhecimento nos cotidianos escolares.

Agradecemos, por fim, a disponibilidade do professor José Vinícius, que prontamente aceitou o convite para a realização desta entrevista.

Polyanna Possani da Costa Petryⁱⁱ

1 Polyanna Possani da Costa Petry: Professor, sua trajetória como estudante e, depois, como professor na própria região onde cresceu, em Malta–PB, revela uma forte identificação com a escola pública. Como essa trajetória influencia sua identidade docente e sua forma de compreender o ensino de Matemática nos cotidianos escolares?

Professor José Vinícius: Obrigado pela pergunta. Mais uma vez, é uma honra estar aqui participando. Eu sou nascido e criado na cidade de Malta, onde resido atualmente e trabalho. Fui estudante dessa escola, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, que é a mesma escola em que atuo hoje. Ao concluir meus estudos, a partir daí busquei capacitação profissional.

Concluí a graduação em Matemática. Tive que me mudar de cidade, pois aqui não era ofertado, à época, o curso de Matemática, que era realmente o que eu queria. Por isso, fui para Campina Grande, onde morei por cerca de dez anos e concluí a graduação, a especialização e o mestrado pelo PROFMAT. Após esse período, realizei concurso público para o Estado da Paraíba para o cargo de professor, em 2012. Felizmente, fui aprovado e a cidade de lotação foi exatamente aquela em que nasci, cresci e concluí o ensino médio.

Ao voltar, confesso que inicialmente eu não queria retornar. Sempre dizia que queria ir “daqui para mais longe”: de Campina Grande para João Pessoa, de João Pessoa para o Rio de Janeiro, São Paulo; sempre pensava em crescer. Jamais passava pela minha cabeça voltar. Mas a gente não escolhe. O destino quis que eu voltasse para a cidade em que vivi e cresci.

Sendo aprovado no concurso público, decidi voltar, mas não queria que fosse uma volta comum, uma volta qualquer. Na minha cabeça, eu precisava fazer algo diferente, porque já conhecia os desafios e sabia das dificuldades dos estudantes daqui. Eu já imaginava a distância que eles têm para chegar à universidade e se formar. Trata-se de uma cidade muito pequena, com IDH baixo, que melhorou recentemente, mas, naquele momento, tudo era muito difícil.

Ao retornar, deparei-me com uma situação bastante atípica durante a prova da OBMEP. Eu via muitos estudantes simplesmente marcando a prova aleatoriamente, apenas para terminar mais rápido e ir para casa. Isso me incomodou, mas, ao mesmo tempo, revelou uma oportunidade, que se concretizou na construção de um grupo de estudos.

Esse grupo de estudos era voltado à resolução de problemas de Matemática, em particular das olimpíadas da OBMEP. No ano seguinte, começamos a estudar e a nos preparar. Tínhamos um grupo de dez estudantes participando das aulas em horário oposto, dedicando duas a três horas por semana ao estudo. Lembro que, nesse período, o Facebook estava em alta e muitos dos meus estudantes estavam presentes na lá. Acabei criando um grupo, no qual começamos a postar questões de Matemática para resolver.

Recordo-me de que, ao final daquele ano, conseguimos registrar mais de 600 soluções de questões do banco de questões. Eu acredito que isso fez a diferença, pois, nesse mesmo ano, os resultados foram bastante positivos: dos dez estudantes, nove foram premiados, sendo cinco com medalhas de bronze e quatro com menções honrosas. A partir daí, começamos a construir uma

história de muito sucesso em Malta, que posteriormente conseguimos expandir para a cidade vizinha de Vista Serrana. E essa já é outra história.

Com o tempo, e hoje com um pouco mais de maturidade, a gente consegue perceber que não importa onde você esteja; se você faz a diferença, alguém vai te encontrar de uma forma ou de outra e vai perceber que o seu trabalho é relevante em alguma situação. E eu acho que ter vivido, ter conhecido a dificuldade, foi um diferencial para um dia poder voltar e fazer diferente. Talvez por conhecer um pouco desse caminho mais sofrido.

Isso me fez perceber que posso mostrar para eles que a educação é o caminho e as pontes que a gente pode construir por meio do aprendizado, para que, a partir daí, eles possam construir um futuro. Hoje, praticamente todos que participaram das aulas estão na universidade. Essa identidade de ter vivido e conhecido essa realidade faz total diferença. Eu não quero que eles passem pelo que eu passei; eu quero que eles tenham um caminho ainda melhor. Acho que é por aí.

2 Polyanna Possani da Costa Petry: Como professor da Educação Básica, você vivencia cotidianamente demandas, desafios e possibilidades que emergem diretamente do ambiente escolar e das relações que se constroem com os estudantes. De que maneira essas vivências no cotidiano da escola influenciam suas escolhas pedagógicas e a forma como você organiza o ensino de Matemática?

Professor José Vinícius: As vivências do cotidiano aqui na escola são bastante intensas. Por eu trabalhar em uma cidade pequena, acaba que conheço todos os estudantes. Também conheço as famílias, a origem de onde eles vêm, os pais e, muitas vezes, até os avós. Nessas relações, a gente já conhece um pouquinho da história de cada um. Então, conhecer as pessoas e o ambiente em que estou inserido facilita muito e, ao mesmo tempo, influencia diretamente nas escolhas que faço para o ensino de Matemática. Porque a Matemática precisa fazer parte do cotidiano desses meninos; ela precisa fazer sentido.

Ela está presente em tudo, desde o cálculo do tempo do recreio até as estatísticas de um time de futebol. Na sala de aula, isso aparece o tempo inteiro. Os meninos perguntam: “Qual é o seu time?”, “Ah, seu time está muito ruim?”. Enfim, essas conversas fazem parte do cotidiano. Pelo fato de conhecer esse contexto, de ter esse cuidado de conversar e conhecer o estudante, eu consigo tomar melhores decisões na escolha dos conteúdos. Em que sentido? Se eu sei que determinado aluno gosta de futebol, ou se a turma tem dez alunos que gostam de futebol, para chamar a atenção desses estudantes eu desenvolvo atividades relacionadas a esse tema. Isso também vale para a área da saúde. No ano passado, por exemplo, eu tinha uma turma em que a maioria das meninas falava em fazer enfermagem, então grande parte das aulas de Matemática foi voltada para habilidades relacionadas à enfermagem e à área da saúde.

Eu gosto muito de elaborar propostas e atividades, como folders, e essas atividades são bem aceitas, tanto que os estudantes pedem bastante. Pelo fato de conhecer essa realidade, eu consigo decidir quais temas abordar. As atividades que desenvolvo hoje são baseadas exatamente naquilo que recebo dos estudantes. No início do ano, quando eles chegam à escola, no primeiro ano do ensino

médio, realizamos uma ação chamada *mural dos sonhos*, que acontece em todo o estado. Nessa ação, os estudantes falam um pouco sobre eles mesmos e nos dão informações sobre seus gostos, preferências, estilo musical, time de futebol, o que desejam ser no futuro, quantas pessoas há na família.

Essas informações que recebemos no início do ano são diferenciais, porque, como professores, conseguimos planejar aulas um pouco mais atrativas e que chamem a atenção dos estudantes. Quando temos o estudante caminhando junto conosco, os resultados são ainda mais positivos e relevantes, porque a Matemática, ao invés de ser algo chato e monótono para muitos ainda, infelizmente, passa a se tornar algo concreto no dia a dia, fazendo parte da rotina do estudante e chamando sua atenção. Quando a Matemática faz sentido, o ensino é facilitado, e se o ensino é facilitado o aprendizado vai junto. Então faz total diferença conhecer um pouquinho dessa realidade.

3 Polyanna Possani da Costa Petry: O trabalho que você desenvolve nas redes sociais destaca-se pela consistência e organização, funcionando, em muitos aspectos, como uma extensão da sala de aula e ampliando os espaços de circulação do conhecimento matemático. Ao acessar o perfil @viniciusprofmat no Instagram, encontra-se um ambiente rico em materiais, atividades, jogos e recursos didáticos, muitos deles organizados e disponibilizados por meio do link na bio. Como surgiu essa atuação nas redes sociais e de que maneira você compreende o papel dessas plataformas na ampliação do ensino e da aprendizagem de Matemática?

Professor José Vinícius: Na época do início do projeto VAMO, eu via que muitos dos meus estudantes “jogavam” um tempo deles nas redes sociais. Então, eles estavam no Facebook, eu também estava, e eu percebi que eles estavam sempre online. Eu pensei: “não posso deixá-los ficarem aqui sem ver alguma coisa de Matemática, então vou entrar no mundo deles aqui, querendo ou não”. Começou mais ou menos assim. Eu observei que meus estudantes estavam lá e, apesar de não saber exatamente o que eles faziam no dia a dia ou o que procuravam nas redes sociais, de certa forma, eu queria que eles vissem um pouquinho de Matemática. Então, eu acabava postando muitas coisas que a gente via na sala de aula, organizava um material e colocava lá.

Do Facebook, a gente foi para o Instagram. Hoje, eu acho que coloco muito mais coisa no Instagram. Então, os meus estudantes estão lá, eles me pedem para seguir e, a partir dali eu comecei a ter esse desafio. Eu me desafiei a postar todos os dias alguma coisa relacionada à Matemática, criar, construir, pegar algo que talvez alguém tenha feito e colocar numa roupagem da nossa realidade, ou então na roupagem da realidade de algum professor em algum outro lugar.

Posso dizer que isso aconteceu dessa forma, e o mesmo hoje acontece no TikTok. Muitos dos meus alunos, principalmente do ensino fundamental, estão lá. Eles dizem: “Professor, vamos criar um foguinho, vamos fazer isso, e não sei que”. E eu sempre respondo que vamos, mas que ali também vai ter Matemática. Muitas das coisas que estão no Instagram hoje eu estou transferindo também, para ir alcançando os meus estudantes, para que eles vejam um pouquinho de Matemática. Obviamente, tem coisas que eles não vão entender, mas eles perguntam, são curiosos.

Eu percebi que, como as aulas do projeto VAMO aos sábados são todas voluntárias, eu estava gastando muito do meu próprio dinheiro, seja com transporte, porque tem que viajar para outra cidade e voltar, seja com brindes ou materiais que a gente imprimia. Enquanto eu não tinha parceria com a Secretaria da Educação, eu estava tirando muita coisa do meu bolso. Aí eu comecei a pensar: “Nossa, eu tenho que encontrar alguma forma de angariar recursos para que os meninos tenham um futuro melhor”. Eu não me sentia confortável em abrir uma vaquinha online, mas vi que tinha essa oportunidade.

Eu percebi que tinha potencial para criar materiais, então comecei a criar. De vez em quando, algum professor perguntava: “Eu quero, eu quero”, aí eu colocava um link e acabava recebendo por um valor simbólico, acho que o valor de uma coxinha ou de um pastel na feira, só para ir juntando algum recurso, para que esse recurso voltasse para os estudantes, em forma de material, de brindes, como uma caneca, um copo, uma bolsinha, uma mochila, material, caneta. O básico.

E assim foi começando. No Instagram, se você olhar, tem um recorte muito grande do meu trabalho. Se você quiser ver sobre a minha vida pessoal, está lá embaixo, você vai ter que rolar bastante. Depois de um certo tempo, eu pensei: “não, esse Instagram não pode ser mais pessoal, precisa ser um pouco mais profissional”. Foi quando eu comecei a fazer postagens todos os dias, mas, claro, tudo voltado para a Matemática, para o meu trabalho, procurando situações matemáticas, para que eles possam ver um pouquinho do que veem na sala de aula, mas também na rede social. Enfim, na rede social tudo se multiplica muito rápido.

4 Polyanna Possani da Costa Petry: Seu trabalho voluntário aos sábados no projeto VAMO, preparando estudantes para olimpíadas de Matemática, tem se constituído como uma ação formativa contínua, com resultados expressivos na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) e em outras competições científicas, além de forte impacto social na comunidade escolar. Como esse trabalho voluntário tem influenciado sua prática docente e que impactos você observa na aprendizagem e no engajamento dos estudantes?

Professor José Vinícius: O projeto VAMO surgiu em meados de 2012/2013, a partir da reunião de estudantes e professor que desejavam estudar um pouco mais de Matemática, principalmente a Matemática Olímpica. Na época, eu estava como estudante do PROFMAT e aprendendo muita coisa nova, que eu achava muito interessante, e via conexões com a OBMEP.

A melhor maneira de aprender é ensinando. Então, eu estudava, aprendia e passava para eles. A partir daí, era uma troca: uma troca de conhecimento, de vivência e de saberes. Os estudantes me apresentavam a visão deles sobre os problemas; muitas vezes, inclusive, encontravam soluções diferentes.

E então surge o VAMO, “Vontade de Aprender a Matemática Olímpica”. Aqui no interior da Paraíba, a gente às vezes “come” a letra s, né? O certo seria “vamos”. Mas, quando eu encontrava com os meninos nas aulas, eu sempre falava: “E aí, vamo? Vamo ter aula hoje?”. Esse “vamo” acabou se repetindo bastante quando nos reuníamos. Em determinado momento, percebemos que

precisávamos dar um nome ao projeto. Eu até falei: “Vou mandar fazer uma camiseta para vocês, então precisamos pensar em um nome legal”.

Pesquisando, vi que já existia, em São Paulo, o projeto VOA chamado “Vontade Olímpica de Aprender”. Então, de VOA para VAMO foi muito rápido: como já existia “Vontade Olímpica de Aprender”, a gente só inseriu o “M” ali, mudou a posição, e ficou VAMO “Vontade de Aprender a Matemática Olímpica”.

O projeto manteve essa pegada de encontros voluntários. Na época, antes de se expandir para Vista Serrana, ele acontecia basicamente à tarde ou à noite, aqui em Malta. Não existia ensino integral; os estudantes ou estudavam pela manhã ou pela tarde. Então, quem estudava pela manhã podia vir à tarde, quem estudava à tarde podia vir pela manhã, e, em alguns casos, conseguíamos reunir os dois turnos à noite. Não havia um horário fixo: a gente olhava um dia que funcionava para todo mundo e começava a se reunir para estudar. Esse trabalho era intensificado à medida que a data da prova da segunda fase da OBMEP se aproximava.

Havia também um trabalho nas redes sociais, por meio de um grupo no Facebook. Quando levamos o projeto VAMO para a cidade de Vista Serrana, os encontros passaram a ocorrer aos sábados, e levávamos estudantes do ensino médio de Malta para ensinar estudantes do ensino fundamental. Era algo simples, mas muito rico, porque os próprios estudantes ajudavam a resolver problemas no quadro, explicavam para os colegas, e essa troca, essa conversa de estudante para estudante, é extremamente benéfica.

Agora, indo diretamente à pergunta: como esse trabalho influenciou minha prática docente e que impactos observo na aprendizagem e no engajamento? Eu diria que influenciou totalmente. Antes, eu tinha dificuldade até para selecionar os conteúdos do livro didático. Geralmente, quando o professor não conhece muito essa questão da Matemática Olímpica, ele acaba ficando limitado ao livro didático e apenas replicando o que está ali. No entanto, existe muita coisa além do livro. Conhecer o mundo olímpico facilita, inclusive, o acesso a novos materiais, novas bibliografias e novos exercícios.

Esses exercícios são desafiadores e estimulantes. Muitas vezes, basta ter um quadro: você coloca o problema, anda um pouco pela sala e deixa a aula fluir naturalmente. Os estudantes vão se engajando e vão buscando maneiras de resolver o problema. Claro, determinados problemas eles resolvem com base no que já sabem, na bagagem que têm até aquele momento, e é justamente aí que surge a abertura para o professor entrar com a parte teórica da Matemática.

De certa forma, essa influência na minha prática é total, porque hoje me vejo como um professor muito diferente daquele que começou há 13 anos. Uma pessoa muito mais aberta, que busca, que pesquisa, que não se limita apenas ao livro didático. Hoje, inclusive, pesquiso bastante material estrangeiro, e há muita coisa boa sendo compartilhada.

Os impactos que observo na aprendizagem são muitos. O IDEB de Malta melhora a cada ano, e observamos que os estudantes que passam pelo treinamento olímpico se destacam bastante. Eles ficam em um nível mais avançado, inclusive em avaliações externas. Muitos relatam que provas de larga escala acabam sendo mais fáceis para eles, justamente porque já estão em um patamar diferente. Esse relato é bem distinto daquele dos estudantes que não participam do projeto.

Os estudantes que participam do projeto têm um ganho inestimável. Suas notas no SAEB acabam melhorando as notas dos que não estão estudando tanto, e esse é um impacto que considero principal tanto para a escola quanto para o próprio estudante. É uma oportunidade de encarar avaliações com mais segurança e de galgar passos rumo à universidade.

Hoje, já temos engenheiros que passaram pelo projeto, professores, nutricionistas, odontólogos, fisioterapeutas e fonoaudiólogos. São profissionais que retornam para a sociedade e para a comunidade, muitos deles permanecendo no entorno de Malta. E com certeza ter esses profissionais que participaram do projeto faz toda diferença, porque eles melhoram também a própria vida e a de suas famílias. Perspectivas que antes eram baixas passam a ser altas.

Fico muito feliz por ter participado desse momento, mesmo que de forma razoavelmente satisfatória. Com eles, a gente divide uma parte que é limitada, que é a nossa vida. Então, do meu intervalo de vida para o intervalo de vida dos estudantes, existe um pequeno intervalo de tempo. Esse intervalo me deixa muito feliz por ter participado e contribuído, de alguma forma, para o futuro deles. Voltar aos ambientes aqui da cidade ou fora dela e encontrá-los é motivo de muito orgulho.

5 Polyanna Possani da Costa Petry: Você participou de uma formação internacional na Finlândia, experiência reconhecida por contribuir para o desenvolvimento profissional e ampliar perspectivas sobre políticas e práticas de ensino. Quais aprendizagens dessa experiência internacional dialogam mais fortemente com sua prática nas escolas públicas brasileiras?

Professor José Vinícius: Em 2019, antes da pandemia, teve um projeto, o Programa Gira Mundo Professores do Governo do Estado da Paraíba, no qual foram selecionados cerca de 20 professores da rede pública, de diferentes áreas, para participar desse intercâmbio. Esses professores tiveram a oportunidade de passar dois meses na Finlândia, na cidade de Hämeenlinna, na Universidade de Häme.

Lá, tivemos a oportunidade de nos conectar conosco mesmos e de buscar compreender o que eles fazem, o que existe em um país considerado de primeiro mundo e que, muitas vezes, não temos aqui.

Durante a vivência na Finlândia, pude perceber que o professor participa de forma muito mais próxima da formação dos estudantes. Ele está presente na sala de aula, mas não como alguém em um degrau acima dos estudantes, está como facilitador, como alguém para agregar valor ao conhecimento dos estudantes. Além disso, há uma estrutura muito bem definida: organização da sala de aula, dos ambientes, dos horários e conteúdo programático. Tudo é muito organizado, inclusive no uso das tecnologias.

Entre as principais aprendizagens que trago dessa experiência, além desse aspecto humano no ensino. Hoje, a partir da vivência na Finlândia, consigo enxergar o estudante de forma mais humana, compreendendo melhor suas dificuldades, seus anseios e também seus desejos. Como conversamos anteriormente, consigo adaptar as atividades de acordo com essas percepções. Confesso que, sem essa experiência na Finlândia isso provavelmente não seria possível, uma vez que a formação em

Matemática ainda é muito mecânica, muito voltada à rigidez da disciplina. Esse aspecto humano faz muita diferença.

Também observei que o uso da tecnologia é muito bem trabalhado. Eles estão sempre desenvolvendo ou utilizando recursos tecnológicos para facilitar a aprendizagem. Além disso, a prova não é o único meio de avaliação; há outras formas de se avaliar o estudante. Essa vivência está intrinsicamente ligada à minha prática docente hoje.

De forma resumida, as aprendizagens dessa experiência dialogam muito com a minha prática atual: um ensino mais humanizado; a utilização de avaliações diferente das tradicionais que a gente utiliza aqui, como a famosa prova. Então é possível avaliar o aluno aula por aula, atividade por atividade, considerando também sua participação e assiduidade. Algo muito utilizando lá, e que ficou muito forte na minha mente, foi a ideia do *“less is more”*, ou seja, que o “menos é mais”. Falou-se muito sobre isso: quando você não insere uma quantidade excessiva de conteúdos de Matemática e trabalha esses conteúdos aos poucos, é possível alcançar, ao final, resultados maiores.

Dando um exemplo bem rápido: em uma aula de Estatística, compreender cada habilidade aos poucos: população, amostra, média, moda, mediana; sem trabalhar tudo ao mesmo tempo. Fazer isso aos poucos, trabalhar menos para gerar mais no futuro. O aprendizado é melhor quando o conteúdo é particionado. Outra coisa que vimos muito lá, e que hoje está presente na minha prática, é o *“PBL - Project Based Learning”* que é a aprendizagem baseada em projetos. Nesse sentido, o projeto VAMO constitui uma extensão do que desenvolvemos em sala de aula.

6 Polyanna Possani da Costa Petry: Recentemente, você foi reconhecido entre os 20 melhores professores de Matemática do país na Olimpíada Brasileira dos Professores de Matemática do Ensino Médio (OPMBR), recebendo medalha de ouro e sendo contemplado com uma formação internacional na China. O que esse reconhecimento representa para sua trajetória profissional e quais expectativas você tem em relação à formação que ocorrerá na China?

Professor José Vinícius: Essa conquista foi especial, porque me marcou no sentido de perceber que ela exigiu muito mais do que o conhecimento técnico. Essa olimpíada não premia somente o professor que sabe muita Matemática ou aquele que domina mais conteúdo, mas aquele professor que consegue desenvolver um trabalho relevante para a comunidade.

Eles estão procurando quem são esses professores que estão fazendo a diferença nos lugares onde atuam, que estão marcando positivamente esses espaços. A avaliação aconteceu em três etapas. A primeira foi uma prova, da qual participaram aproximadamente 1.200 professores. Desses, apenas 119 avançaram para a etapa seguinte. Essa prova foi elaborada pelo professor Jorge Lira, da Universidade Federal do Ceará, e abordava aspectos didáticos do ensino, não apenas o domínio do conteúdo matemático. Foi um corte significativo, em que cerca de 90% dos participantes foram eliminados.

Dos 119 selecionados, passamos para a segunda etapa, que consistiu na gravação de um vídeo de aproximadamente cinco minutos, apresentando o trabalho desenvolvido e a forma como cada

professor compreende o ensino de Matemática. A partir desse vídeo, houve um novo corte, e ficaram apenas 40 professores para a etapa final, na qual seriam definidos os premiados com ouro e prata. Esses 40 participaram de uma entrevista com representantes do MEC, da CAPES, da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM) e da comissão organizadora da OPMBR.

A partir disso, percebi que, para ir bem nessa olimpíada, foi necessário muito mais do que conhecimento: foi preciso persistência. Olhando para a minha trajetória desde o início, percebo que precisei ter estratégia, mas, principalmente, demonstrar paixão pelo que eu faço. O projeto VAMO, desenvolvido de forma voluntária, não acontece por acaso. Eu faço porque realmente gosto, porque me sinto bem fazendo. Já cheguei a comentar com meus estudantes: “eu adoro dar aula na sala de aula, sou apaixonado por isso, mas estar aqui com vocês no sábado é tão prazeroso que eu nem vejo o tempo passar”. Fico quatro horas seguidas com eles e a gente não se cansa de estar ali juntos; é algo totalmente diferente.

Além disso, participar da OPMBR mudou muito a minha visão sobre como trabalhar com os estudantes. Não se trata apenas de ensinar fórmulas matemáticas, mas de despertar curiosidade, de incentivar a vontade de resolver problemas que dialogam com a vida real. Na minha prática docente gosto muito mais de observar o raciocínio dos estudantes do que apenas o resultado final. Depois da experiência da Finlândia, passei a valorizar ainda mais o processo: observar se o estudante está buscando, se está aprendendo, como ele raciocinou para chegar àquele resultado, e não apenas a resposta final. Isso é algo que a própria OBMEP ensina na prova da segunda fase, quando o estudante precisa justificar o raciocínio. Vejo, assim, que minha trajetória profissional foi totalmente modificada ao longo dos anos, e para melhor.

Com relação às expectativas, considero essa oportunidade única. Sair do sertão da Paraíba, de lugares com menos oportunidades, e conhecer países como a Finlândia, que na época era referência mundial em educação, e agora a China, que hoje ocupa posições de destaque no PISA, é algo inimaginável. Não apenas para mim, mas para qualquer pessoa que vivencie essa trajetória.

Estou extremamente ansioso, porque já desenvolvo bastante do que aprendi na Finlândia e agora quero compreender como a China trabalha, para fazer uma comparação entre essas realidades e com a minha própria prática. Principalmente, quero entender o que posso trazer da China para cá: o que a China pode ensinar ao sertão da Paraíba, o que estamos fazendo que está no caminho correto, o que precisa ser revisto e o que podemos aprender com isso. Estou realmente ansioso para beber dessa fonte e trazer para o chão da sala de aula na Paraíba.

Imagino que vou trazer experiências muito ricas, e meu maior intuito é compartilhar com outras pessoas, com outros professores, aquilo que aprendermos lá, para que eles também tenham essa oportunidade de transformar seus espaços de atuação, suas salas de aula, e para que isso gere impacto positivo para o Brasil, em um curto, médio e longo prazo.

7 Polyanna Possani da Costa Petry: Seu trabalho com a preparação de estudantes para olimpíadas, aliado à sua formação no PROFMAT e à participação na Coordenação Acadêmica Nacional (CAN) do PROFMAT, tem ampliado sua inserção em diferentes espaços de formação e diálogo. Nesse percurso, a participação no Simpósio de Ensino e Aprendizagem em Matemática

(SEAM), em Sinop–MT, constitui mais um desses espaços de troca e reflexão. Como essas experiências têm contribuído para ampliar seu olhar sobre o ensino de Matemática e sobre a formação de professores no Brasil?

Professor José Vinícius: Eu iniciei no PROFMAT em 2013 e concluí em 2015. Na época, eu já era professor e buscava, de alguma forma, potencializar minhas habilidades, principalmente para a sala de aula. O PROFMAT surgiu exatamente nesse momento como algo que fazia muito sentido para mim. Quando a gente conclui a graduação em Matemática, alguns caminhos se apresentam: um deles é seguir pela Matemática pura; outro, pela Educação Matemática.

Embora sejam dois ramos extremamente ricos, eu não me via, naquele momento, como professor de Matemática, em dentro de nenhum dos dois. O PROFMAT surgiu exatamente como um caminho entre os dois, no Ensino de Matemática. Por isso, não pensei duas vezes em tentar o PROFMAT. Não passei na primeira nem na segunda tentativa, mas, na terceira fui aprovado.

As habilidades que o PROFMAT me proporcionou nas disciplinas básicas mudaram completamente o meu olhar. Passei a enxergar conexões com as Olimpíadas de Matemática, que já era algo que eu queria trabalhar. Foi uma oportunidade muito próxima daquilo que eu buscava. Então, viver o PROFMAT, vivenciar as disciplinas, aprender a estudar de outra forma fizeram muita diferença na minha vida profissional.

Mais à frente, depois de desenvolver um trabalho consistente aqui, recebi o convite para participar da Coordenação Acadêmica Nacional do PROFMAT. Esse convite veio do professor Gustavo, em 2023. Naquele momento, eu não sabia exatamente qual era a atuação da CAN, mas enxerguei esse convite como uma oportunidade de crescimento e aprendizado e aceitei fazer parte dessa jornada. Foram dois anos incríveis na CAN, de 2023 até junho de 2025.

Nesse período, pude aprender muito sobre situações do meio acadêmico que eu desconhecia completamente. Eu estava imerso na rotina de sala de aula, de escola e não tinha noção da dimensão do programa. Hoje, o PROFMAT está presente em 81 instituições associadas, distribuídas em 106 campi, em mais de 100 cidades diferentes. É um programa muito grande, é o maior programa em rede do Brasil, muitos falam que é o maior programa em rede do mundo. Os desafios são muitos.

O PROFMAT é um programa extremamente diverso, que passou por algumas alterações ao longo do tempo. Inicialmente, estava mais voltado para a Matemática pura; com mudanças na área de avaliação, passou a ter um foco maior no ensino. Tanto coordenadores quanto professores, assim como as normas do programa, vêm se adaptando a essa nova realidade e, atualmente, no PROFMAT se fala muito mais de ensino.

Obviamente não tem como fugir da constatação de que o PROFMAT e a CAN, juntos, contribuem para esse meu olhar sobre o ensino de Matemática. Por quê? Porque, no próprio site do programa, há mais de 8.300 dissertações já defendidas, sobre temas relevantes na Matemática. Se, por exemplo, um professor procura uma proposta sobre divisibilidade, basta acessar o banco de dissertações e fazer a busca: surgem inúmeros trabalhos organizados, planejados e estruturados por professores da educação básica, com o olhar docentes que também atuam na universidade e na

formação de professores. São trabalhos riquíssimos, muitos deles com recursos educacionais e sequências didáticas prontas para adaptação.

Isso facilita muito o trabalho docente, especialmente considerando o pouco tempo que o professor tem para organizar sua rotina. Ter uma ferramenta como essa do PROFMAT acelera esse processo. Além de participar de produções acadêmicas, o professor tem produtos educacionais que pode aplicar diretamente em sua sala de aula ou adaptar conforme a sua realidade.

Além disso, estar na Coordenação Acadêmica Nacional me proporcionou a oportunidade de conhecer novos lugares, novas culturas, novas pessoas, diferentes formas de pensar o ensino de Matemática e de como as universidades estão formando os professores. Então essa troca que é feita através desses encontros, é algo que transforma o nosso olhar.

Durante muito tempo, fiquei focado apenas na minha rotina e na minha realidade local, o que é pouco para quem deseja transformar uma realidade educacional. É preciso ampliar o olhar, participar de formações continuadas, dialogar nos espaços universitários, trocar ideias, compartilhar experiências, fazer amizades e conhecer o que está dando certo em lugares como Sinop, Rio de Janeiro, Teresina, entre outros.

Essa troca, essa partilha e essas amizades com certeza são valores que contribuem significativamente para o ensino de Matemática. Por isso, acredito que o professor de Matemática, seja dos anos iniciais ou do Ensino Médio, não deve se limitar apenas ao que já sabe ou ao que aprendeu na formação inicial. Participar de congressos, seminários, eventos e encontros faz muita diferença. Antes, talvez eu não me visse fazendo isso; hoje, não me vejo sem essa participação. Todos os anos, participo de formações, eventos, como inclusive o evento em Sinop, guardo com muito carinho a experiência vivida em Sinop.

Depois que fui a Sinop, muita coisa mudou na minha visão. Sinto saudade das pessoas, do acolhimento, da estrutura e da organização, da UNEMAT. É um pouco sobre isso. Não há como dissociar o meu olhar atual sobre o ensino e sobre a formação de professores de tudo o que vivi até aqui. Antes era de um jeito, hoje é completamente diferente. Hoje sou eu que estou na CAN, Polyanna; amanhã pode ser outra pessoa tendo sua vida impactada por essas experiências.

8 Polyanna Possani da Costa Petry: Sua trajetória reúne diferentes dimensões da formação docente: atuação na escola pública, voluntariado, olimpíadas, formação internacional, circulação acadêmica e reconhecimentos nacionais. Esses caminhos ampliam perspectivas sobre o papel social da educação matemática. A partir desse percurso, qual é, para você, o sentido de ensinar Matemática hoje e que caminhos considera essenciais para fortalecer a educação matemática nos próximos anos?

Professor José Vinícius: Então, eu acho até que já respondi um pouco sobre o sentido de ensinar Matemática hoje. Acredito que a Matemática precisa fazer sentido para o estudante. A gente precisa conhecer o nosso público, os nossos estudantes, e trazer um pouco da rotina deles para a sala de aula. Naquele momento, é fundamental captar a atenção dos estudantes para que eles consigam se concentrar, aprender e se desenvolver.

Hoje também contamos com muitas ferramentas tecnológicas que facilitam o ensino da Matemática, então o professor capacitado consegue desenvolver aulas cada vez melhores, utilizando um pouco a mais além do quadro, mesmo que seja com computador, datashow, ele consegue desenvolver aulas atrativas e dinâmicas, que chamem a atenção do estudante.

Ao invés de usar mais a rigidez da Matemática, principalmente no ensino básico, a gente pode abordar esses aspectos que fazem sentido para o estudante. Acredito que o ensino de Matemática indo por esse caminho irá se fortalecer em um curto, médio e longo prazo. Os caminhos que considero essenciais para fortalecer essa educação dialogam muito com o que aprendi na Finlândia.

Embora o Brasil seja um país muito grande e diverso, temos a possibilidade de criar um grupo seleto de professores que fazem a diferença, que são inovadores e que buscam constantemente se aprimorar e compartilhar suas experiências. A OPMBR é algo que fortalece isso, ela pois cria uma comunidade de compartilhamento de práticas em Matemática, o PROFMAT também. As universidades estimulam esse tipo de articulação. Quando você consegue identificar práticas exitosas, onde quer que elas estejam acontecendo, e perceber que elas são aplicáveis ao chão da sua sala de aula, você consegue fazer a diferença e isso irá, de certa forma, fortalecer o ensino da Matemática.

Quando o ensino faz sentido, o estudante passa a compreender que a Matemática está presente no cotidiano. Ao olhar para o relógio, há Matemática; ao observar o embarque em um avião, há Matemática; ao escolher um assento, há Matemática; ao lidar com questões financeiras, há Matemática. Trata-se de uma disciplina presente em tudo, extremamente útil no dia a dia. Quando isso faz sentido para o estudante, ele deixa de ter aversão à Matemática e passa a desenvolver a aprendizagem de forma mais natural.

9 Polyanna Possani da Costa Petry: Por fim, professor, considerando sua trajetória, as experiências formativas vivenciadas e os caminhos que discutimos ao longo desta entrevista, que conselho você daria a professores que desejam inovar em suas práticas pedagógicas no ensino de Matemática?

Professor José Vinícius: Comece pequeno e seja autêntico. Você não precisa revolucionar tudo de uma vez. Você pode fazer algo simples, como por exemplo, mudar a forma de apresentar um problema ou incluir uma ferramenta digital que você já domina.

O mais importante é que essa iniciativa venha de uma necessidade real sua ou dos seus alunos. E, principalmente, não tenha medo de errar. Algumas das minhas melhores aulas surgiram de tentativas que, inicialmente, deram errado, mas que geraram discussões riquíssimas e que, posteriormente, muitas dessas tentativas acabaram se tornando projetos desenvolvidos na sala de aula, nos quais os estudantes conseguem manusear materiais e visualizar a Matemática de forma mais concreta.

Então, começar pequeno é fundamental. Se você tem, na sua sala de aula ou na sua escola, dois alunos que querem estudar para olimpíada, chame esses dois para estudar um pouco a mais, dedique

meia hora ou uma hora do seu tempo. Tenho certeza de que esse tempo será multiplicado e trará resultados ainda melhores, porque a educação funciona como um ecossistema.

No início, eu precisei convidar os estudantes para participar. Quando expandimos o projeto para Vista Serrana, aconteceu a mesma coisa: era necessário convidar, chamar, motivar. Hoje, o cenário é completamente diferente. Recebo convites de pais e mensagens de estudantes que não estão mais na escola, mas que querem participar das atividades. É algo que, muitas vezes, foge ao meu controle.

Atualmente, trabalho com turmas de 16 a 20 estudantes na preparação para a OBMEP, mas continuo recebendo ligações e mensagens de alunos e de pais interessados. Antes, eu comecei pequeno e precisei convidar; hoje, é o inverso: eles querem participar, e eu não consigo atender a todos. Por isso, acredito que o mais importante é dar o primeiro passo. Quando esse passo é dado, os demais caminhos vão se abrindo naturalmente.

Recebido em: 5 de janeiro de 2025.

Aprovado em: 18 de janeiro de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.30681/revs.v16i3.14770>

ⁱ José Vinícius do Nascimento Silva. Possui graduação em Matemática (Universidade Estadual da Paraíba - UEPB). Tem experiência na área de Matemática como professor de ensino médio, possui aprofundamento em Matemática voltada às Tecnologias Digitais (Softwares Matemáticos, Ambientes Virtuais, desenvolvimento Web, Computação Gráfica, edição e tratamento de imagens, tabelas, gráficos e aplicativos de geometria dinâmica, etc.). Foi aluno especial do Mestrado Profissional em Educação Matemática (UEPB) na disciplina Tecnologia e Educação Matemática, é Especialista em Educação para Convivência com o Semiárido Brasileiro (UEPB - Campus Bananeiras) e é Mestre em Matemática através do Mestrado Nacional em Matemática em Rede Nacional (PROFMAT - UEPB), foi monitor da disciplina de Cálculo Diferencial e Integral I (UEPB) e Bolsista (PIBIC/UEPB) aprofundando conhecimento em Computação Quântica. Atualmente é membro da Comissão Acadêmica do PROFMAT como egresso do programa, medalhista de ouro na Olimpíada de Professores de Matemática do Ensino Médio (OPMbr), professor efetivo da ECIT Dr. Antônio Fernandes de Medeiros em Malta - PB e professor efetivo da EMEIF José Gil Xavier de Farias em Vista Serrana - PB. Possui interesse em pesquisas usando as linguagens R e Python, olimpíadas de matemática e no software Geogebra.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6612653150455421>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9322-2101>

E-mail: vinnyuepb@gmail.com

ⁱⁱ Polyanna Possani da Costa Petry. Possui graduação em Matemática pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (2009), Mestrado em Matemática Universitária pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP (2011) e doutorado em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. É professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), atuando no Campus de Sinop e na coordenação do Curso de Licenciatura em Matemática Núcleo Pedagógico de Terra Nova do Norte. É coordenadora do Projeto de Extensão Olimpíada de Matemática da UNEMAT do município de Nova Santa Helena, coordenadora local do Programa de Formação de Células Cooperativas (FOCCO) e participa de projetos de pesquisa vinculados à UNEMAT.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6140591894426193>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2374-8575>

E-mail: polyanna.possani@unemat.br